

Recebido em set. 2014
Aprovado em nov. 2014

**A CONTRIBUIÇÃO DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO
NA CONCEPÇÃO DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA NO BRASIL**

FÁTIMA MARIA ARAÚJO BERTINI *

RESUMO

Este artigo analisa de que maneira a concepção materialista-histórico-dialética colaborou para a construção de uma vertente da Psicologia Social no Brasil chamada de Psicologia Sócio-Histórica. Discute como os fundamentos da teoria marxista contribuíram para que a Psicologia Social tradicional, voltada para o experimentalismo, tomasse a direção de uma disciplina que se preocupasse com outras questões, que não fossem a estatística ou classificação do comportamento.

PALAVRAS-CHAVE

Filosofia. Psicologia Social. Materialismo histórico-dialético.

* Doutora em Psicologia Social pela PUC/SP e Doutora (co-tutela) em Filosofia Moderna pela UNIVERSIDADE DE LISBOA. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Exclusão/Inclusão Social da PUC/SP – (NEXIN) e do CENTRO DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (CFUL) - Portugal.

ABSTRACT

This article looks at how the materialist-historical-dialectical conception contributed to the construction of a branch of social psychology in Brazil called the Socio-Historical Psychology. Discusses how the foundations of Marxist theory contributed to the traditional Social Psychology, focused on experimentation, take the direction of a discipline that cared about other issues that were not statistical or behavioral classification.

KEYWORDS

Philosophy. Social Psychology. Historical and dialectical materialism.

O BRAZIL NÃO CONHECE O BRASIL
O BRASIL NUNCA FOI AO BRASIL
TAPIR, JABUTI, LIANA, ALAMANDRA, ALIALAÚDE. [...]
O BRAZIL NÃO MERECE O BRASIL
O BRAZIL TÁ MATANDO O BRASIL
JEREBA, SACI, CAANDRADES
CUNHÃS, ARIRANHA, ARANHA
SERTÕES, GUIMARÃES, BACHIANAS, ÁGUAS
E MARIONÁIMA, ARIRARIBÓIA [...].

QUERELAS DO BRASIL,
COMPOSTA POR MAURÍCIO TAPAJÓS E ALDYR BLANC E
CANTADA POR ELIS REGINA

Este artigo trata da construção de uma vertente da Psicologia Social no Brasil chamada de Psicologia Sócio-Histórica, a qual contém em si fundamentos teóricos da concepção materialista-histórico-dialética, a partir da perspectiva de Karl Marx. Pretende-se aqui relacionar de que forma se deu a compreensão dessa vertente na Psicologia Social brasileira, que fundamentos da teoria marxista foram pontos convergentes para a «distorção» de uma Psicologia Social tradicional e voltada para o experimentalismo para a direção de uma disciplina que se preocupasse com outras questões, que não fossem a estatística ou classificação do comportamento a partir de teorias engessadas e construídas para dá conta das necessidades das classes dominantes.

Mas, para iniciar esse trabalho, cito na epígrafe uma música cantada por Elis Regina. Ao sotaque norte-americanizado de «Brazil» com «Z» já se percebe o sabor penetrante da crítica de sua voz aguda e sutil. Os diversos e estranhos nomes traduzem a imensidade de

um país que não se compreende facilmente: «*O Brazil não conhece o Brasil*». Os que veem de fora não alcançam a sua profundidade caleidoscópica. Elis sonoriza um país múltiplo, com realidades distintas e com uma sociedade multicultural próprias de um processo histórico com intensa mistura de raças e costumes (representada por nomes diversos de espécies de animais misturado com nomes populares, de pessoas e de lugares): «*Jereba, saci, caandrades. Cunhãs, aririnha, aranha. Sertões, Guimarães, bachianas, águas. E marionáima, ariraribóia*». Além dessa multiculturalidade, a ideia «Brasil» complexifica-se na diversidade de tipos de territórios em uma mesma região, o que favorece uma configuração múltipla de costumes ou problemas sociais.

A ironia da música cantada na década de 70 denuncia um país com um potencial imenso de riquezas diferenciadas, mas ameaçado, na época, pela crise política resultante de uma ditadura que destruiu o processo democrático. E a ameaça do poder externo de dominação é expressa no «Z» do «Brazil». «*O Brazil tá matando o Brasil*». Nesse período de 1970, a crítica popular ao sistema ditatorial e a crítica às desigualdades sociais existentes (principalmente, através das expressões da arte e das manifestações populares) iniciam um processo de contestação mais permanente que consegue, aos poucos, minar a força da ditadura e expressar o anseio da liberdade de um povo que queria de volta o direito à democracia.

É exatamente nesse contexto, que a Psicologia Social é pensada de uma outra maneira. O ponto de inflexão foi o fato de o psicólogo social deparar-se com

um contexto brasileiro específico e distinto de quaisquer realidades, a partir das quais se construíam as teorias sobre a disciplina até então. Em 1976, o Congresso Interamericanos de Psicologia (SIP) discute e propõe novos caminhos para a intervenção dos psicólogos sociais¹ nos contextos específicos latino-americanos, em contraposição a contextos europeus ou norte-americanos que pensavam uma intervenção de acordo com as suas próprias realidades. Esses encontros levam à criação da Associação Venezuelana de Psicologia Social (AVEPSO) e a Associação Latino-Americana de Psicologia Social (ALAPSO).

É implicado nessas discussões que os psicólogos sociais brasileiros repensam suas práticas nas comunidades e nas instituições e revisitam suas formas de ensinar Psicologia Social e de intervirem. Mais precisamente a professora Sílvia Lane e sua equipe de pesquisadores na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)² têm a iniciativa de pensar tanto a Psicologia Social, quanto a intervenção dessa disciplina que viessem ao encontro da realidade brasileira com todas as vicissitudes decorrentes de um contexto de desigualdades sociais e de exclusão da maioria da população.

O que Silvia Lane queria, acima de tudo, era pensar uma Psicologia Social que desse conta da concretização de uma Psicologia comprometida com a

¹ LANE, Sílvia. CODO, Wanderley (Org.) **Psicologia Social - O homem em movimento**. 8. ed. São Paulo: brasiliense, 1989. (p. 11).

² Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP.

transformação social. O objetivo primordial era de ir além de modelo tradicional de uma ciência “psi” voltada para si mesma e presa ao academicismo. Uma ciência que, até então, teorizava sobre um sujeito fora da história e uma teoria fora do sujeito, dentro de interpretações abstratas sobre o psiquismo humano.

Frente a esse modelo, a equipe de pesquisadores coordenados pela professora Sílvia Lane na PUC/SP, talvez guiados pela Tese XI sobre Feuerbach na Ideologia Alemã: «*Os filósofos só interpretaram o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é de transformá-lo*»³, pretendiam construir um corpo teórico-metodológico para a Psicologia Social brasileira que levassem os psicólogos sociais a refletirem sobre suas práticas nas comunidades ou nas instituições na perspectiva de empreenderem críticas às maneiras de atuarem. O objetivo era levá-los a deixarem de enquadrar as teorias da Psicologia Social que somente *interpretavam* o mundo e classificavam as pessoas – de acordo com o que seria conveniente para os interesses do capital (no caso das empresas) e para os interesses de uma política partidária (no caso dos serviços públicos) e passarem a intervirem na realidade brasileira e a pensarem a de forma a transformá-la. O nome da abordagem que criaram foi Psicologia Sócio-Histórica, nome que envolveria a perspectiva da compreensão materialista-histórica-dialética dos processos psicossociais e da subjetividade humana inserida na história concreta dos processos sociais.

³ **A Ideologia Alemã.** Karl Marx e Friedrich Engels. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

O MATERIALISMO-HISTÓRICO-DIALÉTICO E A PSICOLOGIA SOCIAL

Para o alcance que se pretendia, a equipe de pesquisadores da PUC/SP precisava repensar a dicotomia existente entre subjetividade e objetividade, ranço de uma ciência positivista - que gera distância entre indivíduo e sociedade – e pensar um ser humano histórico inserido em um contexto social determinado. Os processos psíquicos não seriam, portanto, manifestações intrínsecas de uma subjetividade abstrata, mas processos construídos socialmente e desenvolvidos a partir da vivência intersubjetiva e das condições materiais existentes na vida da coletividade. Sílvia Lane traduz isso nesse trecho: «*Se o positivismo, ao enfrentar a contradição entre objetividade e subjetividade, perdeu o ser humano, produto e produtor da História, se tornou necessário recuperar o subjetivismo enquanto materialidade psicológica*»⁴. Essa frase de Sílvia Lane vai ao encontro da reflexão de Barata-Moura ao comentar sobre qual o lugar da subjetividade em um pensar dialético materialista:

E a intimidade, a subjetividade individual, a relação dialógica? – pergunta-me-eis- haverá lugar para elas num pensar dialético materialista? Certamente que sim. Trata-se de dimensões constitutivas da realidade humana, e como tal podem e devem ser pensadas [...] O materialismo conseqüente não exclui a subjectividade, nem a despacha expeditivamente para a prateleira dos subprodutos negligenciáveis no quadro

⁴ LANE, Sílvia. CODO, Wanderley (Org.) **Psicologia Social - O homem em movimento**. 8. ed. São Paulo: brasiliense, 1989. (p. 15).

*de uma abordagem dualizante (no limite: ontológico dualista) da questão do 'primado'. O materialismo conseguinte combate, sim, a pretensão que alguns manifestam de instituir a 'subjetividade', segundo toda uma diversidade de figuras, em instância primordial incondicionada ou, pelo menos, inauguralmente co-condicionadora*⁵.

A opção pela perspectiva marxista ao tentar construir uma nova postura epistemológica para a Psicologia Social explica-se pelo fato de que o marxismo rompe com o positivismo e entende a subjetividade na perspectiva histórica e das condições materiais concretas, o que contribui para entender que há a necessidade de a ciência psicológica superar a ideologização, a qual a sua formação enquanto ciência construiu.

A partir do materialismo histórico e dialético e a perspectiva da historicidade dos processos psicológicos, A Psicologia Sócio-Histórica leva à compreensão do sujeito inserido em sua totalidade histórica, em meio a uma realidade contraditória, inserido no concreto e construído a partir das mediações que o contexto social imprime. Não há um sujeito e um objeto dicotômicos, mas sujeito e objeto são profundamente intrincados e mutuamente significados um ao outro. As categorias tradicionais da Psicologia Social, provenientes de uma postura experimentalista – como o estudo das influências sociais, o que seria uma interação social e seus efeitos sobre grupos, por exemplo – não mais davam conta

⁵ BARATA-MOURA, J. **Materialismo e Subjetividade**. Estudos em torno de Marx. Lisboa: Avante, 1997. (p. 57).

de perceber um sujeito histórico, o que a perspectiva materialista-histórica-dialética coloca como aspecto fundamental.

A Psicologia Social com o materialismo-histórico-dialético muda de foco ao estudar o sujeito na coletividade porque deixa de se preocupar em classificar ou tipificar os comportamentos para um possível enquadre à produção capitalista para entender que essa mesma realidade produz contradições e realidades distintas para se compreender a subjetividade de forma múltipla.

Dessas reflexões, os elementos da construção da subjetividade dos indivíduos, elencando aspectos da identidade, da percepção ou dos sentimentos são expressos e se constroem em um processo dinâmico e histórico e essa dinamicidade integra o sujeito e o objeto numa construção constante. A partir dessa compreensão da subjetividade, o sujeito não é passivo, mas ativo no processo de construção da natureza e da história. Essa atividade dos processos “psi”, de acordo com o pensamento de Sílvia Lane, gera nos sujeitos um potencial para a ação e para a transformação, pois ele é capaz de agir numa realidade dinâmica e contraditória. Uma realidade que não entra pronta no indivíduo ao silêncio robotizador do mesmo, mas indivíduo e movimento histórico do real vão se construindo. Esse mesmo entendimento é feito por Gonçalves e Bock⁶ quando afirmam:

⁶ BOCK, A.M.; GONÇALVES, M.G. (org) **A dimensão subjetiva da realidade** – *uma leitura sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2009, (p. 147). Obs.: Maria das Graças Gonçalves e Ana Maria Bock foram alunas de Sílvia Lane ao longo da trajetória da professora Sílvia Lane e pertenciam ao grupo de pesquisadores coordenados por ela.

Os elementos presentes na subjetividade [...] se constituem e se configuram a partir de um processo objetivo, social, com conteúdo histórico. Por outro lado, a subjetividade não se esgota em seus elementos individuais, porque o indivíduo age sobre o mundo, relaciona-se com outros indivíduos, realiza, objetivamente, o que elaborou subjetivamente.

É o processo ativo da história dos homens que constroem a consciência e a vida. Como Marx afirma: «*Não é a consciência dos homens que determina sua existência, mas, ao contrário, sua existência social é que determina sua consciência*»⁷. A preocupação da Psicologia Sócio-histórica de «*conhecer como o homem se insere no processo histórico*»⁸ deixa bem clara a concepção de reconhecê-lo como ativo em sua realidade concreta e que pode ser agente de transformação social. A história material desse homem ativo constroem o quadro de sua vida, de suas emoções, da memória, dos afetos.

E, um dos principais enlaces e intercessões de estudo da Psicologia Social na abordagem sócio-histórica é o estudo dos afetos na perspectiva ética e política que envolve a historicidade e retira do olhar míope da Psicologia tradicional a percepção das emoções e dos sentimentos como algo meramente intraindividual.

A Psicologia Social, ao estudar a realidade em movimento, estuda o processo histórico e os elementos do presente em construção dinâmica com a realidade transitória e de contrastes. A dialética leva a compreender o objeto de estudo em relação recíproca com o contexto

⁷ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844**. (p. 79).

⁸ Lane, idem, p. 10.

e a investigá-lo como fazendo parte de um todo, onde tudo se relaciona e nada é imóvel ou inseparável dos elementos da realidade.

Nesse sentido, tentar compreender os processos psicossociais é tentar compreendê-los em movimento, captando o homem em movimento, em seu processo histórico, captando o processo de sua vivência, escapando de uma percepção imediata do que seja sua vivência psicológica. E a vivência afetiva é histórica, posto que os afetos «*são sempre contextualizados, por isso nunca podemos esquecer o dado histórico que os influencia profundamente*»⁹. Separar os afetos do conjunto é não compreendê-lo no todo e, dessa forma, restringir a compreensão dos mesmos no aspecto individualista e não ético-político.

A partir dessa compreensão, os elementos subjetivos a partir dos encontros com o coletivo, engendra sentidos, que se constroem a uma dada vivência subjetiva ao longo de um processo de vida histórica e social do sujeito, tendo em vista as condições materiais de produção social, das quais advêm. Como acentuam Furtado e Svartman: «*O sentido apresenta caráter aberto e suscita a capacidade do sujeito de reconstruir significados. É o sentido que produz a dinâmica da reconstrução constante dos significados*»¹⁰

⁹ Comentário de Maria Luísa Ribeiro Ferreira em uma supervisão do doutorado no ano de 2013 na Universidade de Lisboa.

¹⁰ Furtado, O., & Svartman, B. P. (2009). *Trabalho e alienação*. In A. M. B. Bock & M. G. M. Gonçalves. **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez. (p. 78). Obs.: Odair Furtado também pertenceu ao conjunto de alunos de Sílvia Lane e também foi um dos pesquisadores de sua equipe. Hoje é professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP.

O conceito de sentido contém a tonalidade afetiva, diferente de significado como o entendimento do conceito coletivo, dicionarizável sobre as palavras. O sentido contém a tonalidade pessoal dado às mesmas pelas pessoas em seus contextos históricos vivenciados.

CATEGORIAS FUNDAMENTAIS DA PSICOLOGIA SOCIAL

A compreensão da Psicologia Sócio-Histórica, com a mudança de paradigma que tentava empreender, juntamente com a preocupação com o aspecto metodológico advindo desse novo paradigma, levou a professora Sílvia Lane e sua equipe de pesquisadores a formular algumas categorias, que chamou de «categorias fundamentais da Psicologia Social», baseado nos estudos de revisitação das obras de Vigotski, Luria e Leontiev. São elas: a *consciência*, a *atividade* e a *identidade* e, posteriormente, *teoria da identidade como metamorfose*, elaborada por Antonio da Costa Ciampa¹¹, um dos pesquisadores de sua equipe e aluno de doutorado de Sílvia Lane. Uma outra categoria pensada foi a afetividade por Bader Sawaia¹².

Essas categorias passam a ser refletidas na produção de pesquisas e intervenções realizadas em

¹¹ Antônio da Costa Ciampa foi aluno de doutorado de Sílvia Lane e participante do grupo de participantes dessa professora. Hoje é professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP.

¹² Bader Burihan Sawaia também foi aluna de doutorado da professora Sílvia Lane e participante do grupo de pesquisadores e também hoje é professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP. A professora Bader é minha orientadora de doutorado.

comunidades de São Paulo na década de 1980. No lugar de aplicação de «fórmulas de fora», os psicólogos sociais tentavam compreender a realidade para dela construir suas maneiras de intervenção que dessem conta dos processos coletivos construídos no lugar e nas condições materiais, a partir de uma compreensão contraditória dos processos. O pesquisador ou o psicólogo social/comunitário eram agentes juntamente com as pessoas da comunidade, as quais também tornavam-se atores no processo de intervenção e não somente receptor de técnicas psicológicas.

Uma das metodologias criadas e aperfeiçoadas nesse processo foi a pesquisa-ação participante, na qual o pesquisador e o pesquisado eram envolvidos no processo de reflexão e crítica do processo de pesquisa.

O QUE MUDA NA INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA?

A principal mudança é a perda de neutralidade dos processos a serem pesquisados e intervistos. O pesquisador não é neutro e passivo, mas comprometido com o que intervêm e ativo no decorrer da pesquisa. Não somente teoriza, mas vai à realidade e vive-a subjetivamente com o coletivo. Não há uma mudança superficial da realidade. Há mesmo uma busca à transformação social, mediante o compromisso do psicólogo com os processos de mudança social que levem à expansão dos sujeitos e à postura de uma criticidade frente à realidade e ao contexto comunitário em que vivem.

A Psicologia Sócio-histórica com a perspectiva da teoria marxista vê na dinâmica do real, todas as possibilidades de mudança e de transformação social. Por isso, essa vertente da Psicologia Social é intensamente política. Essa centralidade está no teor das práticas de profissionais que empreendem tanto nas comunidades, quanto nas instituições uma forma de atuação que vá na contra-mão do processo de ideologização do modo de produção dominante.

Principalmente por isso, a Psicologia Sócio-Histórica torna-se um modo de fazer Psicologia Social longe dos interesses do empregador. Isso é um desafio para os profissionais na atualidade da profissão. Mas, parafraseando Marx na Tese XI sobre Feuerbach na Ideologia Alemã – comentada no início do texto – os psicólogos só fizeram interpretar teorias e continuar com o mesmo; é preciso agora romper com a mesmice e transformar a realidade!

E, na complexa sociedade brasileira, Elis Regina cantaria um Brasil muito mais justo e livre.